

AGUAS MAGICAS

1875

LISBOA, 3 DE JULHO

N.º 10

AGUAS

Grande triumpho para a poesia lyrica; a poesia das brisas, a poesia dos regatos, a poesia do agua doce! Um dos seus assumptos mais queridos anda na ordem do dia, dá que pensar a toda a gente, é a questão do momento. Ah! o Alviella está tendo um grande successo! É o ultimo acontecimento, o facto palpitante, o assumpto da moda! Todos perguntam porque não vem, porque não chega. Espera-o uma recepção entusiastica, mas elle, o ingrato, em vez de fazer deslizar as suas aguas sobre a cidade de marmore, deixa-as correr ao longo das sinuosidades campestres, indifferente ao supplicio de Lisboa e aos relatorios da companhia!

Está suspensa a agua na segunda zona, e amanhã suspendel-a-hão na terceira. Nós já notámos uma vez, que em Lisboa havia falta de agua nos costumes e agora vemos que as nossas previsões se realisam de mais. D'aqui a uns dias quem poderá ter o goso inefavel de lavar a cara, as mãos e os pés? Notavel coincidencia! Quando o partido do sr. Vaz Preto apparece em campo, eis que os habitantes de Lisboa deixam de ter agua para se lavarem! Como este partido vae parecer numeroso — á primeira vista!

A crise que nos ameaça este verão, vae apparecendo com as suas negras côres, ao lado da indifferença completa do governo. Um facto que em outra qualquer parte lavantaria um grande clamor, entre nós, dá apenas assumpto a meia duzia de phrases, e a outros tantos artigos de

fundo. Não ha indignação, não se reclama, não se pensa em pedir providencias. É que a companhia das aguas tem tido todo o cuidado em destruir pela base as tentativas feitas em Lisboa, para a formação de uma sociedade de *bebedores de agua*, á imitação das que ha em Londres. E, assentado por uma vez que a agua não é um genero de primeira necessidade, continuaremos a sonhar com o Alviella — como objecto de luxo.

A companhia entretanto, seisma no modo de dar agua de algum rio á capital. Vista a impossibilidade de dar a do Alviella, o sr. Pinto Coelho, quando se vir mais perseguido, fará um grande gesto oratorio, tomará as attitudes tragicas dos grandes lances, avançará a mão direita, erguerá a cerviz e exclamará:

— Quereis agua a todo o transe? Quereis um rio?

— Sim! sim! exclamará a cidade em côro.

— Pois bem! A companhia das aguas põe a vossa disposição o... Tejo.



Segundo lemos n'uma folha periodica as almas dos habitantes do Seixal não podem gozar da bemaventurança — no céu, sem que primeiro tenham annualmente pago ao parochio um almude de vinho — na terra.

Este anno, porém, as almas negaram-se ao pagamento d'aquelle tributo... *espirituoso*, em vista do que o seu pastor reclamou o auxilio temporal do



Administrador do Concelho que não duvidou executar uma das referidas almas rebeldes.

Escuta a voz da prudência Seixal, e não sejas ímpio, por que, aliás, quando na hora extrema, tombares no pó das sepulturas, tu escutarás uma voz terrível bradar-te:

Seixal, Seixal! por que não pagaste o vinho ao prior!?!...



Esteve hontem no passeio publico...



Diversas definições de agua:

Do sr. Pinto Coelho:

— O meio mais simples de ser director d'uma companhia.

Do sr. Eduardo Vidal:

— Amor, engano, que em agosto finda.

D'um sceptico:

— Tudo o que não passa pelos contadores da companhia.

D'um chimico:

— Uma combinação de duas partes d'um re-latorio, com uma hypothese do Alviella: R² A¹.

D'um gallego:

— Coisa que d'antes andava nos barris.

Do sr. padre Beirão:

— Líquido com que d'antes alguns herejes de Lisboa lavavam a cara.

D'um litterato:

— Uma figura de rhetorica.

Do sr. Alexandre Herculanó:

— Acontecimento que pertence á historia.



Hontem estive no passeio publico, aonde nin-guem ainda o tinha visto...



Francisco Ramires Marques, contam os jor-naes, apostou com outro beber um cantaro de vinho. Bebeu-o, mas está ás portas da morte.

Eis aqui as terríveis consequencias da ir-regularidade da companhia das aguas! Ramires, um bebedor da primeira classe, tem como todos os seus collegas um grande horror á agua.

Para elle a agua é o verdadeiro espectro de Banquo, a unica estatua do commendador. Por isso constando-lhe que o sr. Pinto Coelho reti-rara este liquido da circulação, teve uma alegria

louca, e festejou a morte do seu mais cruel inimigo. Ora a morte da agua, no seu modo de ver, só pode ser festejada com vinho.



No passeio publico, aonde ninguem jámais o vira, esteve hontem todo vestido de preto...



O *Diario de Avisos* está um segundo Sarda-napálo. Nunca se viu uma devassidão assim! Não tem meias palavras, não tem reticencias. Aquillo é que é pôr os pontos nos *i. i.* Babylo-nia com o seu desbragamento legendario, é o idyllio de Paulo e Virginia, ao pé do lubrico *Diario!* Vejam, senhores, vejam:

«O engenho e arte do benemerito empreiteiro transformou aquelle matagal n'um vasto la-byrinto de kiosques, theatros, cafés, estatuas, lagos, jardins, caramanchões, restaurantes, bi-lhares, circos e tudo o que pôde desafiar a sen-sualidade dos olhos, a sensualidade do estomago, a sensualidade da phantasia, a sensualidade do prazer.»

E a policia indifferente!

Que o sr. commissario mande immediata-mente pôr folhas de parra nas estatuas, e bicos de gaz nos caramanchões!

Mais:

«Quem gostar de cancanologia tem os cafés-concertos, os contadores dos cafés e charuta-rias, as sombras dos arvoredos e as penumbras dos caramanchéis.»

Oh! Nero, oh! Caligula, oh! Satyro, oh! Heliogabalo!

A Boa-Hora deve verificar se realmente os Recreios Whittoyne são isso que se diz. No caso affirmativo, acha-se tudo previsto no codi-go penal — como attentado ao pudor.



Todo vestido de preto, de calça balão e ca-misa de bofes, esteve hontem no passeio publico aonde ninguem jámais o vira, o sr. Fontes Pe-reira de Mello, Presidente do Conselho.

S. ex.^a trajava com muita gravidade e ele-gancia, parecendo muito satisfeito, a passear de baixo para cima.

N. B. Não tomou nada no botequim.



A *Discussão* dirige-se hoje á *Lanterna Ma-gica* perguntando-lh: pelo seu programma.

A *Discussão* não acredita que sejamos repu-blicanos, nem conservadores, nem reacionarios e, para cre'lito nosso, pensamos que fará a jus-tiça de não nos julgar filiaados no partido do sr. Marquez d'Angeja.

Ora, a *Discussão*, que dispensou á *Lanterna*

Magica a gloria de a lêr desde o começo, sim-plemente se esqueceu de passar os olhos pela introdução do 1.^o numero! Lá está exarado o crédito politico que professamos: veja quanto é vasto!...

Se, porém, a amavel folha não toma a serio o nosso programma por elle estar escripto em verso, o mais que podemos fazer é mandal-o pôr em musica e offerecer-lh'o para piano: se isto ainda não fôr bastante pediremos ao pro-fessor Justino Soares que lh'o vá dançar ao Calhariz.

Mas, em paga, ha de a *Discussão* prometter que nos envia o seu ideal politico em pastilhas para o ficamos conhecendo, já que nos não foi possivel assistir a elle, de principio a fim, no theatro de D. Maria.



O Norte de Villa Real, contem uma verda-deira pérola de sentimento no seu ultimo nu-mero. Os seus assignantes de certo a aprecia-ram devidamente. É o canto d'uma alma pura e ingenua; as expansões d'um peito offegante de reconhecimento; o transbordar d'um coração reconhecido e dedicado. Doce poema de affectos generosos! quem não sentirá, ferida pela tua inspiração, a corda intima da ternura, a tor-rente dos affectos, a arca santa dos inefaveis amores? A poesia intitula-se *gratidão*, e é offe-recida ao procurador regio de Figueiró dos Vi-nhos!

Exemplo aos mancebos, que, esquecendo-se do que devem aos que lhe deram o ser ou aos seus bemfeitores, caminham descuidadamente pela senda dos prazeres, na ociosidade, trans-viados, perdidos!

Ponham os jovens libertinos portuguezes os olhos na ultima quadra da poesia e sentir-se-hão renascer para o bem e para a familia.

Eil-a.

Tudo no mundo, té á planta humillima

Ao beneficio oppõe a gratidão:

E havia de eu ser ingrato, eu e familia
Aquelle, a quem devemos mais que o pão?!

Guarda contudo o sr. Verissimo, essas inti-mas expansões do lar domestico no fundo da sua alma, e conserve-as sempre puras.

Quanto a dar-lhes publicidade, só o faça ten-do a certeza absoluta de que ninguem as lê fóra de Villa Real.



A BELLA E O REGATO

(De Victor Hugo)

Lisboa, a candida, a bella.

Disse com ar provocante:

— Porque não vens, Alviella,
Dormir comigo um instante?

Disse o Alviella a Lisboa

N'um ai do fundo do peito:

— Minha menina, essa é boa!

Durmo tão bem no meu leito!...

ACTUALIDADES, por **Bordallo Pinheiro**



COMPANHIA DAS AGUAS.— Os habitantes da segunda zona no dia 2. Caras, mãos, pés... e tudo.



A agua não corre; os contadores esses não precisavam de agua para andar.



As banheiras livres... assim como os caixeiros. Chegam a confundir-se.



Aspecto dos gallegos com a faca e o queijo na mão; o sr. Pinto Coelho, delirante em seu jardim.



Habitantes da terceira zona!
— Quando vires as barbas do teu vizinho a arder põe as tuas de molho!



O Alviella dorme, e o sr. Pinto Coelho canta:

Dorme que eu velo seductora imagem,
Grata miragem que no ormo vi
Dorme impossível que encontrei na vida,
Dorme querida que eu não volto aqui.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

OS THEATROS DE LISBOA

POR



ILLUSTRACÇÕES

DE

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Preço 600 rs.

À venda em casa do editor Mattos Moreira & C.^a—Praça de D. Pedro, 68—Lisboa.

TINTURA INGLESA

DE

HERRINGS & C.^a

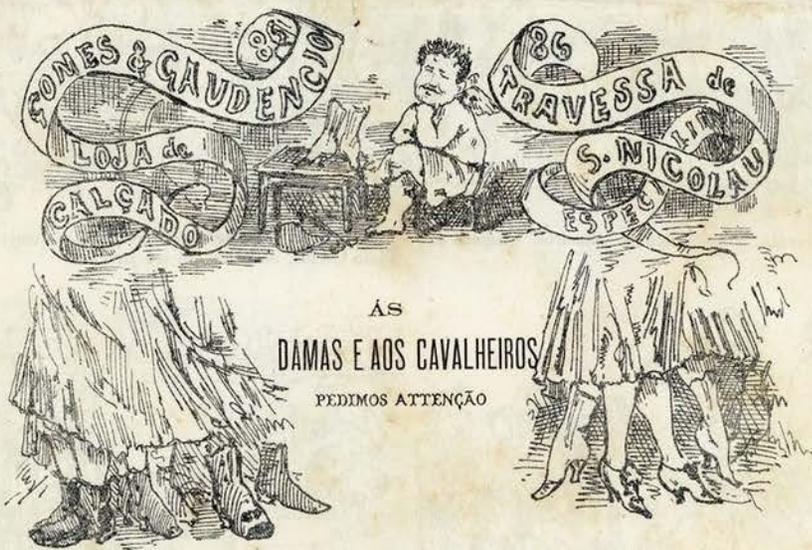
UNICO DEPOSITO

60, Praça de D. Pedro, 61

LISBOA



Olha, morte, tu nada tens comigo. Porque não usas tambem a agua Herrings?



AS
DAMAS E AOS CAVALHEIROS

PEDIMOS ATENÇÃO

Pés que não calçam da loja de Gaudencio.

Depois de calçarem da loja de Gaudencio.

A LANTERNA MAGICA, folha diaria.

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA

Lisboa, por mez.....	5400 réis	Avulso.....	5020 réis
Provincias, idem.....	5590 »		

Toda a correspondencia á rua do Principe, 23, 1.º—Lisboa.

Typ. de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 145.